

As Origens da Indústria Cerâmica em São Paulo

Julio Cesar Bellingieri*

Faculdade de Educação São Luís, Jaboticabal - SP

Faculdades Integradas Fafibe, Bebedouro - SP

**e-mail: julio@asbyte.com.br*

Resumo: O artigo estuda os fatores do surgimento e do desenvolvimento da indústria de cerâmica no Estado de São Paulo, entre o final do século XIX e início do XX. Formada inicialmente por olarias, fábricas de louças de barro e de louça branca, a cerâmica está entre as mais antigas atividades industriais do Estado. Seu nascimento está vinculado à expansão do mercado interno, à imigração européia e à ampla disponibilidade de matéria-prima em solo paulista. Por meio da análise de publicações, almanaques e boletins estatísticos da época, o artigo trata também da fundação e evolução de algumas das principais empresas desse setor, e revela que a cerâmica, embora não fosse muito relevante para a economia paulista em termos de geração de valor industrial, era uma das indústrias com o maior número de empresas e de operários.

Palavras-chave: *indústria cerâmica, industrialização, São Paulo*

1. Introdução

Este artigo estuda as origens da indústria de cerâmica no Estado de São Paulo. Formada inicialmente pelas olarias e pelas fábricas de louças de barro e de louça branca, a cerâmica foi uma das primeiras indústrias a desenvolver-se em São Paulo, entre o final do século XIX e o início do XX.

Na ampla literatura que trata do início da industrialização de São Paulo, dá-se grande ênfase ao surgimento de vários tipos de indústrias, tais como a têxtil, calçadista, chapeleira, açucareira, metalúrgica e madeireira, mas nenhum destaque à cerâmica. Caracterizar o nascimento da indústria cerâmica significa, portanto, entender um aspecto importante do processo de industrialização de São Paulo, do ponto de vista de um setor tradicional, quase nunca estudado em suas origens.

Objetos cerâmicos, tais como vasos, potes, telhas e tijolos, já eram produzidos no Brasil pelos indígenas e pelos colonizadores europeus, durante os períodos colonial e imperial. Tratava-se, entretanto, de uma produção artesanal. Foi a partir do final do século XIX que a cerâmica se organizou como “indústria”, em São Paulo, com o surgimento de olarias e fábricas de louças de barro, que produziam, em série, telhas, tijolos, ladrilhos, vasos, potes, manilhas, etc. Na década de 1910, surgiram as primeiras empresas de louças e porcelanas. E, a partir daí, a cerâmica diversificou-se e cresceu em importância dentro da economia paulista.

O artigo está dividido em duas seções e procura responder às seguintes perguntas: Que condições ou fatores propiciaram o surgimento e o desenvolvimento da indústria cerâmica em São Paulo? Quais foram as primeiras empresas de cerâmica a instalar-se em São Paulo? Quem eram os empresários e qual a origem do capital que financiou essas empresas? Qual a relevância econômica da indústria cerâmica, relativamente à indústria paulista, nas primeiras décadas do século XX?

2. Origem e Desenvolvimento da Indústria Cerâmica em São Paulo

A cerâmica é uma das várias indústrias surgidas a partir do desenvolvimento do mercado interno em São Paulo, que estimulou uma demanda por bens de consumo. A origem da cerâmica como atividade

industrial deu-se entre fins do século XIX e início do XX, tendo como marco inicial as olarias, que já se faziam presentes em quase todas as cidades e núcleos urbanos de São Paulo, desde as últimas décadas do século XIX. Em geral, as olarias eram pequenos estabelecimentos que produziam, por processos manuais, inúmeros artigos, como tijolos, telhas, manilhas, vasos, potes e moringas.

Foi a imigração italiana, no último quartel do século XIX, que trouxe ao Brasil pedreiros e oleiros detentores de técnicas construtivas que deram início à história da habitação em alvenaria de tijolos em São Paulo. Uma pesquisa sobre habitações de imigrantes italianos em Jundiá - SP, descreve o funcionamento de algumas olarias deste núcleo urbano, no fim do século XIX:

O barro, retirado de cavas, era transportado em carrinhos de mão, amassado com os pés e colocado em fôrmas de madeira “tão grandes que quebravam fácil” (Antonio Pincinato). O excesso era retirado com arco de pau e arame. Depois de secos, os tijolos eram queimados em caieiras, fornos cavados em barrancos (Luís Chiamonte). [...] As olarias mais definitivas possuíam fornos de tijolos com paredes grossas e coberturas de telhas. Para amassar o barro, usavam as “pipas”, construídas em madeira e movidas a burros que, amarrados, andavam em círculos. [...] Nestas olarias, o ir e vir da lenha, do barro cru ou cozido em tijolos, era realizado pelos carroceiros. [...] Já as telhas exigiam outras condições de produção. “... precisava de barracão porque é necessário secar à sombra, senão envergava tudo” (Laurindo Ferrari). Usavam para sua modelagem fôrmas de madeira semelhantes a uma pá redonda e comprida. O barro era colocado na superfície externa convexa desta fôrma¹.

A primeira grande fábrica de produtos cerâmicos do Brasil foi fundada em São Paulo, em 1893, por quatro irmãos franceses, naturais de Marselha, com o nome de Estabelecimentos Sacoman Frères, posteriormente alterado para Cerâmica Sacoman S.A., a qual encerrou suas atividades em 1956. O nome das telhas, conhecidas por “francesas” ou “marselhasas”, deve-se ao país de origem desses empresários².

Durante os últimos anos do século XIX e início do XX, as empresas cerâmicas passaram a especializar-se em determinados tipos de produtos, o que gerou uma paulatina separação na classificação das empresas entre “olarias” e “cerâmicas”. Assim, as olarias eram as unidades produtoras de tijolos e telhas, e as cerâmicas fabricavam produtos mais “sofisticados”, como manilhas, tubos, azulejos, potes, talhas, louças, porcelanas, etc. Por exemplo, no Almanak da Província de São Paulo para 1873³ não existem referências a cerâmicas, apenas a olarias. Já no Almanach para 1891⁴, há referências a olarias e também a empresas cerâmicas.

Um caso que ilustra a transformação de uma olaria em cerâmica, é o da Sensaud de Lavaud & Cia., fundada no final do século XIX. Era uma olaria de telhas e tijolos, pertencente ao imigrante italiano Antônio Agú, e localizava-se nos arredores da Capital, região que hoje compreende Osasco - SP. Ao longo dos anos, e principalmente depois que foi arrendada para sócios franceses, a olaria expandiu-se e diversificou sua produção, transformando-se numa grande cerâmica. Um dos franceses possuía patentes que lhe davam o direito de fabricar um tipo especial de calçamento de rua.

A ex-olaria de Antônio Agú tornou-se uma Fábrica de Materiais de Água e Esgoto. Nela, fabricavam-se tijolos para calçamento, sistema Sensaud (calçamento do futuro), manilhas para encanamentos, sistema privilegiado para água e esgoto, vasos sanitários, juntas e curvas, além de tijolos refratários e de todas as classes e dimensões para construção. Também se produziam telhas, no sistema nacional de Bourgogne e francesas. [...] A grande vedete do sistema produtivo e o grande desafio vencido por Lavaud foi a construção do forno de fogo contínuo. A indústria teve também três fornos semicontínuos e 5 intermitentes ligados a 4 chaminés, que completavam o complexo industrial. Havia ainda depósito para argila e artigos prontos, além de uma seção especial para secagem. Todo esse complexo industrial era movido por 150 operários e mantido em 8.000 m² de área construída⁵.

Uma cerâmica era denominada fábrica de louças de barro quando produzia manilhas, tubos, potes, talhas, filtros, vasos e maringas, utensílios da chamada “cerâmica vermelha”.

Uma das fábricas de louças de barro de grande destaque na Capital, no princípio do século XX, foi a Cerâmica Paulista, de Adelino Ferreira & Irmão, depois “F. Ferreira & Cia”. Instalada na Água Branca, foi fundada em 1893 pelo imigrante português Joaquim Ferreira, pai de Adelino e Francisco. Nos primeiros dez anos de seu funcionamento, trabalhava pelo chamado “sistema primitivo”, com tornos ou rodas movidas pelo pé. Depois, remodelou seu sistema de fabricação, passando a empregar tornos mecânicos movidos por tração elétrica. Participou de várias exposições nacionais e estrangeiras, e produzia maringas, vasos, jarros, talhas e filtros de água⁶ (Figura 1).

Em relação à produção de manilhas (tubos de barro vidrados destinados ao escoamento de águas e esgotos), havia em São Paulo três grandes empresas fabricantes, no princípio do século XX: Cia. Mechanica e Importadora de São Paulo S/A, Cia. Progresso Paulista e Sensaud de Lavaud & Cia⁵.

O Governo Estadual era grande demandante de manilhas, em função das obras de canalização de água e esgoto que efetuava. Como nenhuma das três empresas tinha volume de produção para atender, sozinha, aos pedidos do Governo, elas se uniram, por meio de um contrato industrial e comercial, conseguindo tornar-se fornecedoras exclusivas de seus produtos para o Estado. A Companhia Mechanica e Importadora de São Paulo, cujo sócio era Alexandre Siciliano, gerenciava os negócios dessa “União”.

Cada uma das empresas fabricava um terço do material pedido pelo Estado ou pelos Municípios, cobrando preço menor do que o

do mercado, e os lucros ou prejuízos eram rateados entre as três empresas. Com esse esquema, não havia como produzir mais barato que a “União”, e as três passaram a dominar o mercado de barro vidrado, constituindo-se, provavelmente, num dos primeiros cartéis industriais de São Paulo.

Enfim, na primeira década do século XX, pode-se dizer que já existia uma “indústria cerâmica” em São Paulo, embora constituída apenas por olarias e fábricas de louças de barro. Na sua análise da indústria paulista, em 1901, Bandeira Júnior refere-se à grande produção das empresas de louças de barro na época:

A importância da indústria cerâmica, apesar de os impostos federais prejudicarem-na, facilitando a introdução de similares estrangeiros, ainda assim, tem crescido de modo considerável, tornando-se pela qualidade da argila e pela perfeição do fabrico superior às de Marseille e de outras procedências européias e norte-americanas. As telhas, os tijolos, os canos para serviço de água, esgoto e higiene, de Vila Prudente e de Osasco, impõem-se pela superioridade e qualidade da produção, a que o Congresso Nacional, com relação a São Paulo, pelo menos, dificulta quando possível a importação desses produtos. Nas mesmas condições, estão os ladrilhos, mosaicos e objetos de uso doméstico, de serviço de higiene de estabelecimentos cerâmicos da ordem dos que se acham na Villa Prudente e em Osasco⁷.

A partir da década de 1910, começaram a surgir empresas da chamada “cerâmica branca” (fábricas de louça de pó de pedra), produtoras de louças de mesa, faianças e porcelanas. As empresas desse segmento não surgiram de um desdobramento ou de uma diversificação das atividades dos proprietários das empresas de louças de barro ou de olarias, dadas as diferenças de processos e técnicas produtivas e da necessidade de maiores somas de capitais, em relação àqueles tipos de empresas.

A primeira empresa de louça branca do Brasil foi a S.A. Fábrica de Louças Santa Catharina (razão social Fagundes, Ranzini & Cia), fundada em 1913 pelo imigrante italiano Romeo Ranzini (e cinco sócios), no bairro da Água Branca, na Capital².

Depois de pesquisar e encontrar “argilas que queimam branco” (caulim), na região de Itapeverica - SP, Ranzini resolveu fundar uma fábrica de louças, associando-se a pessoas que pudessem financiar o empreendimento. Em 1912, viajando à Itália, contratou grupos de operários e técnicos ceramistas para virem ao Brasil, uma vez que neste País não havia mão-de-obra especializada para atuar nesse tipo

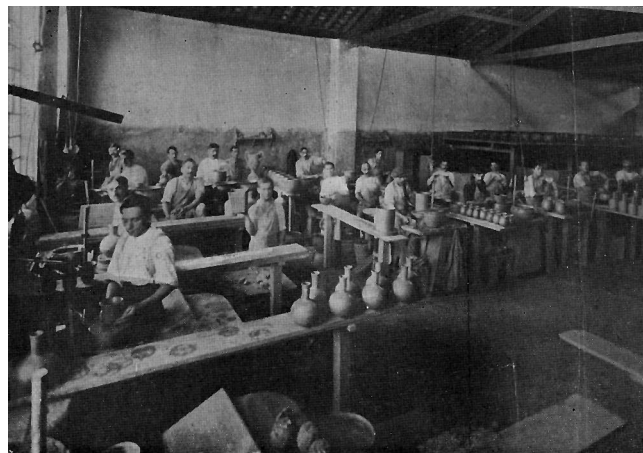


Figura 1. Cerâmica Paulista, seção de fabricação de maringas⁶.

de indústria. Importou também maquinários alemães, com capacidade para produzir 10.000 azulejos por dia⁸. A empresa produzia vasos, pratos, tigelas, canecas, xícaras, pires, aparelhos para jantar, para lavatórios e para chá, além de “objetos de fantasia”⁶ (Figura 2).

No começo da década de 1920, a Santa Catharina era descrita assim:

Fábrica modelar, admiravelmente organizada, cujos productos pela solidez, a arte, a elegancia, e a perfeição rivalisam com os melhores similares de procedencia estrangeira, tornando-se dignos de geral admiração. [...] Trabalham actualmente na fábrica cerca de 1.000 operarios de varias nacionalidades, inclusive japonezes, havendo entre elles muitas mulheres e crianças⁶.

À medida que foram se encerrando os contratos de trabalho dos técnicos italianos com a Santa Catharina, estes foram fundando suas próprias empresas de louça branca na região próxima à Capital⁸. Em 1928, já havia no Estado nove empresas de louça (cinco na Capital) e, em 1937, havia 18 delas (nove na Capital), que produziam aparelhos de jantar, xícaras, tigelas, sopeiras, canecas, etc.

Em referência à primeira exposição municipal de São Paulo, Piccarolo e Finocchi, em 1918, escreveram sobre o desenvolvimento da cerâmica paulista:

Encontrareis a industria da ceramica para construcções, num adiantamento e abundância que as emparelham com as congeneres em qualquer parte do mundo; a de louças prosperando com o kaolim de Santo Amaro e de São Caetano, com a argila, o granito e o quartzo de São Paulo; a de vidros, a de garrafas com os materiaes que o Tieté em suas margens e em suas várzeas não se cança de fornecer⁹.

Quais os fatores determinantes do surgimento da indústria de cerâmica em São Paulo, representada pelas olarias e fábricas de louças de barro e de louça branca?

É possível identificar quatro condições necessárias para o nascimento e o desenvolvimento dessa indústria: a) existência de um mercado consumidor; b) disponibilidade de matéria-prima; c) imigração de mão-de-obra com capacidade técnica; e d) formação de capitais por meio da economia cafeeira.

Em primeiro lugar, o aumento da população, da urbanização e do mercado interno, através da expansão da economia cafeeira de exportação, criou grande demanda por produtos manufaturados, inclusive cerâmicos: por exemplo, utensílios de uso doméstico (potes,

talhas, filtros, pratos, tigelas, xícaras, vasos, etc.), e materiais para construção de moradias e de infra-estrutura urbana (telhas, tijolos, ladrilhos, tubos e manilhas para sistemas de esgoto, etc.).

A segunda condição foi a disponibilidade da matéria-prima básica, a argila. Talvez não existisse outra indústria no Brasil que tenha se aproveitado tanto da oferta de matéria-prima local quanto a cerâmica. Havia abundância de argila em diversas regiões do Estado. A localização das empresas estava diretamente relacionada à proximidade da fonte de matéria-prima; as cerâmicas da Capital, por exemplo, estavam quase todas instaladas nas áreas de várzea do Rio Tietê, nos bairros da Água Branca e da Barra Funda. Para a cerâmica branca, havia também abundantes jazidas de caulim, feldspato e quartzo, próximas à Capital.

O terceiro fator do desenvolvimento da indústria cerâmica foi a política de imigração européia, que trouxe a São Paulo indivíduos com capacidade técnica para essa atividade, tanto para administrarem quanto para trabalharem como operários nas empresas. Uma vez instalada a empresa, era muito comum seus proprietários imigrantes contratarem mão-de-obra especializada diretamente da Europa. Isso ocorria tanto nas cerâmicas de louças de barro quanto nas de louça branca.

Pode-se afirmar, pela análise de almanaques e estatísticas industriais, que a quase totalidade das empresas de cerâmica (vermelha ou branca) foi fundada por imigrantes ou descendentes de imigrantes portugueses e italianos. Por exemplo, o Almanach do Estado de São Paulo para 1891⁴ constata a existência de 61 olarias e cerâmicas na Capital; dos 56 nomes de proprietários, 32 são italianos. Outra publicação, da década de 1930, que traz a história das empresas paulistas fundadas por italianos, revela a enorme quantidade de cerâmicas de propriedade de italianos¹⁰.

A quarta condição necessária para o desenvolvimento da cerâmica foi, obviamente, a necessidade de capitais que seriam investidos nas empresas. É importante ressaltar que a exigência de capital variava de acordo com cada segmento da indústria cerâmica. Alguns tipos de fábricas de louças de barro e, principalmente as olarias, poderiam ser fundadas com poucos recursos. Ao contrário, as fábricas de louça requeriam grandes somas de capitais para a aquisição de maquinário importado e construção de unidades produtivas compatíveis com a produção em escala. Por exemplo, Romeo Ranzini teve de operar uma complexa e custosa estratégia para pôr em funcionamento a Santa Catharina^{8,11}.

Os capitais que financiaram a indústria cerâmica, pelo menos no seu início, provieram de fontes direta ou indiretamente ligadas à economia cafeeira de exportação. Existiam muitas cerâmicas fundadas pelos próprios cafeicultores, desejosos de diversificar seus investimentos e/ou estimulados a aproveitar economicamente jazidas de argila em suas propriedades. Mas, mesmo nos investimentos feitos por não-cafeicultores (a grande maioria), é seguro afirmar que a origem dos recursos estava ligada à economia cafeeira. Por exemplo, na fundação da Santa Catharina, dos quatro sócios comanditários que entraram com os recursos financeiros, três tinham vínculos com fazendeiros de café.

Os almanaques da época também narravam a história de muitos empresários que iniciavam suas atividades no Brasil abrindo pequenas olarias e cerâmicas, com capital escasso, em alguns casos depois de acumularem economias trabalhando na lavoura de café. Mesmo os empresários que juntaram recursos fora da atividade cafeeira (como artesãos ou comerciantes), não se pode negar que só puderam fazê-lo em virtude da expansão do mercado interno gerada pela renda do café.

Outra questão importante a se tratar diz respeito ao grau da concorrência entre os produtos cerâmicos nacionais e os importados. O segmento cerâmico que mais sofria com a concorrência dos importados, era o da louça branca. As louças e porcelanas estrangeiras tinham uma excelente aceitação no Brasil; vinham da Europa, sobretudo da Inglaterra, importadas por firmas especializadas.



Figura 2. Fornos da Fábrica Santa Catharina⁶.

Durante a I Guerra Mundial, entre 1914 e 1918, com a drástica redução das importações, as empresas nacionais de louça, lideradas pela Santa Catharina, tiveram um impulso decisivo, ganhando mercado e abastecendo a demanda nacional. Mas, com o fim da Guerra, voltaram as importações em massa de louça inglesa, que tinha qualidade superior e era mais diversificada e mais barata. Essa concorrência limitou por vários anos a expansão e o desenvolvimento da indústria de louça nacional. Azevedo narra um encontro de empresários da louça com Arthur Bernardes, em 1925. O Presidente da República teria se negado a aumentar as tarifas de importação de louças, argumentando que “não queria enriquecer os industriais de São Paulo à custa da miséria de todos os brasileiros”⁸.

3. A Indústria Cerâmica e sua Relevância para a Economia Paulista

Nesta seção, será feita uma breve análise da relevância econômica da indústria cerâmica paulista, entre os primeiros anos do século XX até 1937. Não é possível medir, com exatidão, a evolução da magnitude da indústria cerâmica em São Paulo nas primeiras décadas de sua constituição, uma vez que há dificuldades em se determinar que tipos de empresas se enquadravam nessa indústria. Ao longo desse período, os diferentes almanaques e relatórios estatísticos consultados agregaram de maneira diferente as empresas que compõem essa indústria.

Em 1915, a categoria “louças e vidros” representava 0,33% do valor da produção industrial do Estado de São Paulo⁹. Desmembrando-se a produção de louças da de vidros, tem-se que os vidros representavam 0,20% do valor da produção estadual, e as louças, apenas 0,13%.

Entretanto, em “louças”, foram consideradas somente as “louças de pó de pedra”, ou seja, as oriundas das fábricas de louça branca, segmento ainda incipiente naquele ano. A produção das fábricas de louças de barro e das olarias não estava incluída. Embora não tenha sido possível conhecer o valor da produção desses segmentos, Piccarolo e Finocchi indicam que, em 1916, havia 972 estabelecimentos fabricantes de ladrilhos, canos e tijolos no Estado de São Paulo. Na cidade de São Paulo, havia duas fábricas de louças esmaltadas, uma de louça de porcelana, nove de louças de barro, três de tubos de barro e 51 olarias⁹.

Lapri ([1922?], p.51) indica que a categoria “louças e vidros” gerou 0,27% e 0,28% do valor da produção industrial do Estado de São Paulo, em 1916 e 1917, respectivamente. Nessa publicação, não há dados desmembrados da produção de louças e de vidros⁶. Em 1921, “louças e vidros” já equivaliam a 0,70% do valor industrial gerado no Estado, de acordo com boletim editado pelo Governo Estadual¹². Embora essa publicação não distinguisse que tipos de empresas ce-

râmicas se incluíam nessa categoria, certamente eram apenas as de louça branca (porcelana e faiança).

Um quadro mais apurado da indústria cerâmica em São Paulo encontra-se no Censo Industrial de 1920, publicado por Heitor Ferreira Lima¹³. A Tabela 1 foi elaborada com base nos dados mencionados por esse autor.

Não estão identificados os tipos de empresas que compõem a categoria “cerâmica”, mas supõe-se que incluía as fábricas de louça branca, de louça de barro, de vidros, cristais, espelhos e, provavelmente, as olarias, dado o grande número de estabelecimentos e de operários dessa categoria. A cerâmica era, dessa forma, a terceira indústria em número de estabelecimentos, a quarta em número de operários, a quinta em capital empregado e a sexta em valor da produção, com 4% do total gerado pela indústria paulista.

A Estatística Industrial do Estado de São Paulo,¹⁴ publicada entre 1928 e 1937, torna possível uma análise mais completa da evolução da indústria cerâmica em São Paulo, pois traz dados detalhados de todos os ramos da indústria paulista.

No entanto, as informações da “Estatística” relativas à indústria cerâmica tiveram de ser reagrupadas, uma vez que estavam organizadas por outros critérios. Por exemplo, em 1928 e 1929, as olarias e fábricas de ladrilhos estão classificadas no ramo da Construção, e as fábricas de louças brancas, no ramo do Mobiliário. Mesmo com a criação da categoria Cerâmicas, a partir de 1930, as empresas de louças de barro e fábricas de ladrilhos continuaram a fazer parte da categoria Preparação de Materiais para Edificação. Assim, neste artigo, considerou-se como indústria cerâmica o conjunto dos seguintes segmentos: a) louças de barro/manilhas; b) olarias; c) louças de pó de pedra (porcelana/faiança); e d) ladrilhos/mosaicos.

A Tabela 2 mostra o grande crescimento absoluto e relativo do número de empresas cerâmicas no período, chegando em 1937 a representar mais de 10% do número de empresas do Estado. Se em 1928 a cerâmica era a oitava indústria com o maior número de empresas (140), em 1937 era a primeira, com 1.157 empresas (em segundo vinha a têxtil, com 608).

Em 1928, a cerâmica era a sexta indústria em número de operários, atrás dos setores têxtil, tipografias, metalúrgicas de ferro/bronze/etc., máquinas para lavoura/indústria, fábricas de calçados. Em 1937, era a terceira maior empregadora, com 12.225 operários, atrás do setor têxtil (89.358) e de madeira (15.401). Como comparação, toda a indústria de produtos químicos (farmacêutico, perfumaria, fósforos, tintas, óleos, adubos, sabão, etc.) empregava 10.066 operários, e toda a indústria da alimentação (massas, biscoitos, chocolates, bebidas, cigarros, etc.) empregava 10.767.

Tabela 1. Indústria no Estado de São Paulo, 1919.

Ramo de atividade	Número de estabelecimentos e % do total	Número de operários e % do total	Capital empregado (% do total)	Valor da Produção (% do total)
Alimentação	1.267 (30,5%)	11.213 (13,3%)	23,7	34,8
Têxtil	247 (6,0%)	34.825 (41,5%)	41,5	30,7
Vestuário/Toucador	736 (17,8%)	10.494 (12,5%)	8,0	9,5
Produtos químicos	265 (6,4%)	4.748 (5,6%)	7,3	7,0
Metalurgia	142 (3,4%)	5.514 (6,5%)	4,0	4,8
Cerâmica	696 (16,8%)	9.630 (11,5%)	4,9	4,0
Madeira	183 (4,4%)	N/C	2,4	2,14
Couros e Peles	86 (2,1%)	N/C	3,0	2,1
Mobiliário	207 (5,0%)	N/C	1,0	1,12
Outros	316 (7,6%)	7.574 (9,1%)	4,2	3,84
Total	4.145 (100,0%)	83.998 (100,0%)	100,0	100,00

Fonte: Elaboração do autor, com base em Lima (1954, p. 90-91).

Tabela 2. Indústria de Cerâmica no Estado de São Paulo, 1928-1937*.

	1928	1929	1930	1931	1932	1933	1934	1935	1936	1937
Fábricas	140	289	352	409	414	582	1.014	840	968	1.157
% do total	2,0	3,3	6,5	7,0	6,8	8,9	11,8	10,7	11,2	12,8
Operários	4.438	5.559	4.759	4.464	5.318	6.766	9.669	9.558	11.029	12.225
% do total	3,0	4,0	4,0	3,0	3,5	3,9	4,7	4,5	4,7	5,0
Produção (% total)	1,3	1,7	1,5	1,0	1,25	1,6	1,75	1,7	2,1	2,0

* Indústria composta pelas empresas de louça e porcelana, louça de barro, ladrilhos e olarias.

Não estão consideradas as pequenas olarias, cujo número não pode ser estimado.

Fonte: Elaboração do autor, com base na Estatística Industrial do Estado de São Paulo (1928-37).

Todavia, o número de operários da cerâmica não representava mais do que 5% dos operários da indústria paulista. Cada cerâmica, em média, empregava relativamente um número pequeno de funcionários; a partir dos anos de 1930, cada empresa tinha em média 10 a 11 funcionários.

Embora a cerâmica fosse um dos setores com o maior número de fábricas e de operários, era pouco relevante para a economia estadual; representava algo em torno de 1,5% a 2,0% do valor da produção industrial de São Paulo. Como comparação da posição da cerâmica na geração de valor, pode-se citar a participação relativa de alguns setores: o setor de “papel e papelão” detinha 1,7% do valor da produção, em 1928, e 2,5%, em 1937; “massas alimentícias” representava 0,6%, em 1928, e 1,4%, em 1937. O setor mais próximo da cerâmica em relevância era “cigarros, charutos e fumos”, com a mesma participação relativa em 1928 (1,3%) e em 1937 (2,0%).

Com base na Estatística Industrial, também se calculou a produtividade por operário da indústria cerâmica em relação à indústria do Estado de São Paulo como um todo¹⁵. Entre 1928 e 1937, a cerâmica tinha em média 40% da produtividade da indústria paulista em geral. Em 1937, o segmento de louça e porcelana era 1,75 vez menos produtivo, o de louças de barro, 2,15 vezes menos, o de ladrilhos, 1,5 vez menos e o de olarias, 6,4 vezes menos produtivo que a indústria paulista em geral.

4. Conclusões

A cerâmica foi uma das várias indústrias surgidas a partir do desenvolvimento do mercado interno em São Paulo, que estimulou uma demanda por bens de consumo. Dentre os tipos de empresas que compunham a indústria cerâmica, pode-se citar, pela ordem em que surgiram, as olarias (produtoras de tijolos e telhas), as fábricas de louças de barro (produtoras de vasos, manilhas, filtros, potes, etc.) e as fábricas de “louça branca” (produtoras de louças de mesa, faianças e porcelanas).

Quatro fatores determinaram o surgimento e o desenvolvimento da indústria cerâmica, em São Paulo: a) **crescimento do mercado consumidor**: em função do aumento da população e da geração de renda pela exportação de café, que criou grande demanda por produtos cerâmicos, como utensílios de uso doméstico e materiais para construção de moradias e de infra-estrutura; b) **disponibilidade de matéria-prima básica, a argila**: poucas indústrias no Brasil aproveitaram-se tanto da oferta de matéria-prima local como a cerâmica; havia abundância de argila em diversas regiões do Estado; c) **imigração de mão-de-obra com capacidade técnica**: que trouxe para São Paulo indivíduos qualificados para a produção cerâmica (quase todas as empresas foram fundadas por imigrantes ou descendentes de imigrantes portugueses e italianos); e d) **formação de capitais pelos desdobramentos da economia cafeeira**: o aumento da renda gerado pela exportação de café gerou os investimentos nas empresas cerâmicas.

Uma análise da Estatística Industrial do Estado de São Paulo (1928-37) revela que a cerâmica era bastante representativa para a

indústria paulista, em termos de número de empresas e de operários. Em 1937, por exemplo, a cerâmica, incluindo as olarias, englobava 1.157 empresas (12,8% do total da indústria paulista), e era a terceira maior empregadora, com 12.225 operários. Apesar disso, a cerâmica não era muito relevante para a economia estadual em termos de geração de valor: até 1937, não representou mais do que 2,0% do valor da produção industrial do Estado.

Referências

1. Pereira, E. C. **Olarias: formas e tijolos originais**. Disponível em: <http://www.ecco.com.br/vita_mia/imigra5.asp>. Acesso em: 13 jul.2003.
2. Pileggi, A. **Cerâmica no Brasil e no mundo**. São Paulo: Livraria Martins, 1958.
3. Luné, A. J. B. de; Fonseca, P. D. da (Orgs.). **Almanak da Província de São Paulo para 1873**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1985.
4. **Almanach do Estado de São Paulo Para 1891**. São Paulo: Companhia Industrial de São Paulo, 1891.
5. **A Competência Vence a Intolerância**. Disponível em: <<http://www.osasco.com.br/competencia.php#competencia>>. Acesso em: 12 jan. 2004.
6. Lapri, R. **O Estado de São Paulo e o centenário da Independência**. São Paulo: [s.n.], [1922].
7. **Indústria cerâmica brasileira no princípio**. Disponível em: <http://www.osasco.com.br/industria_ceramica.php#ceramica>. Acesso em: 12 jan.2004.
8. Azevedo, F. de S. V. de. Os primórdios da indústria cerâmica em São Paulo. **Revista Cerâmica**, São Paulo, v. 10, n. 40, p. 25-33, 1964.
9. Piccarolo, A.; Finocchi, L. **O Desenvolvimento Industrial de São Paulo através da Primeira Exposição Municipal**. São Paulo: Pocaí & Comp., 1918.
10. **Cinquant'anni di lavoro degli italiani in Brasile: lo Stato di S. Paolo**. São Paulo: Società Editrice Italiana, 1936. v. 1, 1937. p. 2.
11. Pereira, J. H. M. **A implantação da indústria de louça em São Paulo - 1912-1937**. São Paulo. Relatório Final apresentado à FAPESP, 2002.
12. SÃO PAULO. Secretaria da Agricultura, Commercio e Obras Publicas do Estado de São Paulo. **Boletim da Directoria de Industria e Commercio**. São Paulo: Typ. Brazil de Rothschild & Cia, 13ª série, n. 7-8, p. 214, 1922.
13. Lima, H. F. **Evolução Industrial de São Paulo**. São Paulo: Livraria Martins, 1954.
14. SÃO PAULO. Secretaria da Agricultura, Industria e Commercio do Estado de São Paulo. Directoria de Estatistica, Industria e Commercio; secção de Indústrias. **Estatística Industrial do Estado de São Paulo, 1928-1937**. 10 v. São Paulo: Garraux/Siqueira/Freire & Cia, 1930-1939.
15. Bellingieri, J.C. **A indústria cerâmica em São Paulo: estudo sobre as empresas fabricantes de filtros de água em Jaboticabal-SP, 1920-2004**. 2004. 146 f. Dissertação (Mestrado em Economia) - Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Araraquara, 2004.